

RESENHAS

INFLUÊNCIA AÇORIANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Ir. Elvo Clemente

PUCRS

Acaba de sair o livro de Oswaldo A. Furlan sobre os açorianos e sua influência no falar da Ilha de Santa Catarina e do litoral.

O autor faz um histórico dos povoadores do arquipélago dos Açores e suas migrações, em especial para o Brasil, em Santa Catarina.

Faz uma revisão da história e das mutações lingüísticas no português do Brasil.

Há todo uma extenso estudo sobre os falares dos Açores em seus traços fônicos típicos em cada ilha do Arquipélago.

A investigação lingüística vai longe principalmente nos aspectos fônicos, passando, outrossim, aos traços morfo-sintáticos.

Passa em seguida ao açoriano catarinense no quadro atual do Português europeu e brasileiro.

A pesquisa lingüística foi extensa e intensa em sua amplitude e em sua profundidade com importantes conclusões para o estudo da língua falada e escrita na ilha e litoral de Santa Catarina, com verdadeiros e reais reflexos na língua da costa do Rio Grande do Sul, principalmente povoadas pelos açorianos.

O livro apresenta mapas fônicos, morfológicos e léxicos, preciosos instrumentos para o estudo dos aspectos dialetais.

O livro de Oswaldo Antônio Furlan mostra como se faz o projeto, como se executa uma pesquisa lingüística e como se realiza o relatório final. Livro indispensável aos professores e estudantes dos cursos de Letras.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.

LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DO PORTUGUÊS

Lelia Erbolato Melo

USP

Nestes últimos anos, a produção científica da lingüística alcançou um ritmo tal que suas investigações interessam necessariamente a filósofos, psicólogos, antropólogos, enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, estejam vinculados ao estudo da linguagem.

No Brasil, tivemos e temos belos exemplos em que a ciência da linguagem abriu caminho desde a sua implantação nos Cursos de Letras, em 1962.

Mas, uma grande preocupação incômoda e persiste na cabeça dos professores, em especial, dos professores de língua portuguesa, é como preencher a lacuna a teoria lingüística e a prática pedagógica.

É nas muitas facetas da "lingüística aplicada", expressão, por vezes, usada como sinônima de "ensino de línguas estrangeiras", que as reais oportunidades de se fazer uso dos talentos lingüísticos devem ser encontradas.

Para satisfação nossa, estamos diante de uma dessas reais oportunidades que se configura numa coletânea em que colaboram pessoas experientes na docência dos diversos graus de ensino com o intuito de aplicar os conhecimentos da lingüística ao estudo da língua portuguesa. A ponte entre o estudo científico em si e sua aplicação por meio de metodologia adequada constitui seu objetivo primordial.

A obra reúne, além de uma "apresentação" assinada pelos organizadores do volume, professores Marta Kirst e Ir. Elvo Clemente, nove artigos onde são abordados por autores de diversas universidades brasileiras "temas" referentes ao ensino de português. Apresentação concisa, mas abrangente, da pesquisa atual, oportunidade excelente, sobretudo, para quem pretende renovar o ensino/aprendizagem da língua materna.

Sírio Possenti e Rodolfo Ilari (UNICAMP) sugerem um ponto de partida para a criação de uma nova imagem do professor de língua materna, imagem essa tão desgastada quanto desvalorizada atualmente.

Em função disso, os autores se detêm naquilo que mais tradicionalmente tem sido o núcleo mais representativo de sua atuação: o ensino da gramática. Ressaltam, entre outras coisas, que "uma das contribuições da lingüística mais importantes para o professor de língua materna é a de ter mostrado que o termo "gramática" não tem uma definição única, podendo referir-se a várias realidades".

Augustinus Staub (UnB), apoiado em perguntas e afirmações que têm aparecido em jornais e revistas dos últimos tempos, discorre, entre outros itens, sobre a dicotomia certo/ferrado em língua, as várias acepções de gramática, os defeitos mais flagrantes das gramáticas tradicionais, a autoridade dos escritores em questões de gramática e a questão da norma culta. Conclui seu artigo lembrando que "o ensino do português deixará de ser caótico quando os professores tiverem melhor formação lingüística, quando conhecerem melhor a situação lingüística dos alunos".

Evanildo Bechara (USU) apresenta argumentos que provam como o termo gramática tem sido mal compreendido, mal usado. Para ele, a gramática a ser ensinada nas escolas deve passar pelo que modernamente se denomina "educação lingüística".

Leonor Lopes Fávero (PUCSP) tem como objetivo, a partir do exame pormenorizado de alguns tipos de relações entre períodos, discutir e propor uma revisão do conceito de coordenação e subordinação à luz da Lingüística Textual.

A autora pondera que "o problema com que se depara o professor de português ao tentar explicar os conceitos de coordenação e subordinação decorre do fato de se adotarem critérios meramente sintáticos ou formais quando, na realidade, é impossível dissociar-se o componente sintático do semântico e pragmático, ainda que esta dissociação tenha apenas finalidade didática".

Mário Perini e Lúcia Fulgêncio (UFMG) abordam a questão da transitividade verbal, partindo da crítica do sistema tradicional e apresentando um novo modelo para a classificação dos verbos quanto aos complementos com os quais co-ocorrem (obrigatória ou opcionalmente).

Os autores concluem o trabalho ressaltando que "o problema da transitividade verbal não pode ser tratado independentemente do problema de definir claramente as funções sintáticas ("termos da oração"); são duas partes da gramática que se relacionam muito intimamente".

Ingedore G. Villaça Koch (PUCSP) procede ao exame dos principais tipos de conectores interfrásticos e apresenta uma proposta para o ensino desses elementos, que vise ao desenvolvimento da competência textual dos alunos em língua materna.

Marta Kirst (PUCRS) relata um estudo explicatório com o procedimento "close" que culminou na elaboração de uma tabela classificatória da complexidade de textos em língua portuguesa. A autora, ao final de seu trabalho, enfatiza que "os resultados do estudo permitem, outrossim, afirmar que o "close" é uma medida fidedigna de avaliação da compreensibilidade de textos e livros didáticos a partir do vocabulário".

Sebastião Josué Votre (UFRJ) reúne, em seu trabalho, algumas idéias sobre compreensão do texto escrito para alfabetizando infantis e oferece suporte discursivo para uma política de análise e reformulação dos pressupostos teóricos que orientam a produção de cartilhas e outros manuais de iniciação à leitura. Conclui sua exposição apontando três tarefas que considera das mais importantes e algumas de suas implicações mais imediatas nessa área recente de pesquisa sobre padrões de textualidade dos manuais destinados à iniciação à leitura e escrita.

Finalmente, Leonor Scliar Cabral (UFSC), considerando a proliferação de cartilhas e a dificuldade dos professores em selecionar esse material, apresenta critérios para a análise de cartilhas quanto à temática, ao léxico utilizado, às estruturas morfossintáticas e quanto ao texto.

Por tudo isso, *Lingüística aplicada ao ensino de português* interessa não só aos professores de língua, dos diversos graus de ensino, como também aos estudantes dos cursos de Letras e estudiosos da língua, em geral.

KIRST, Marta e CLEMENTE, Ir. Elvo (org.). *Lingüística aplicada ao ensino de português*. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1987. 144p.

O TEATRO SOCIAL DE JOAQUIM ALVES TORRES

Ivo Bender

Instituto Estadual do Livro

Com organização e um estudo introdutório de Cláudio Heemann, o Instituto Estadual do Livro publica três textos dramáticos de Joaquim Alves Torres, corrigindo, assim, os dados que conferiam a Orpo Santo a posição solitária de único dramaturgo gaúcho no século passado.

O trabalho

Neste texto, o autor aborda a contradição entre capital e trabalho que, premonitivamente, percebe de difícil conciliação. A peça se estende por quatro atos que expressam o conflito entre o empresário Cláudio e o operário Sérgio, ligados ainda por antigos laços de amizade, uma vez que os pais de ambos haviam sido os fundadores da empresa. A ação mostra as trajetórias realizadas pelos dois homens: enquanto Sérgio se liberta do

jugo do patrão e parte para fundar uma empresa própria, Cláudio caminha, em linha descendente, para a degradação e o aniquilamento.

A devassidão e a crueldade do empresário têm como contrapartida a lisura de caráter de Sérgio e sua pureza no encarar as relações de trabalho e que, ao final, mostram sua eficácia; Matilde, amante de Cláudio, ambiciosa e voraz tem o seu oposto em Adriana, prometida de Sérgio; o médico, Dr. Cristiano, espécie de anjo protetor e amigo dos operários, tem seu complemento em Damião, pai de Adriana, operário que por ato fraudulento, no passado, é presentemente chantagado por Cláudio.

Os objetivos dos personagens se entrecruzam e chocam na bem urdida trama e o caráter maligno do mau empresário é desenvolvido com rigor maniqueísta. Ao final da peça, Cláudio será punido: além de publicamente desmascarado, não consegue realizar seu casamento com Adriana e tomba, vítima de congestão cerebral.

Joaquim Alves Torres busca, com esse drama, difundir o socialismo como solução para os conflitos que brotam da polaridade capital-trabalho. Mas seu socialismo é conciliador. Nesse sentido, é esclarecedora a fala do Dr. Cristiano ao referir-se ao operário Sérgio:

[...] e mostrará aos vindouros que o Socialismo não é uma mal compreendida guerra ao capital e à propriedade privada e sim, o bem sonhado pela humanidade que um dia assistirá sorridente ao amplo fraterno desse mesmo capital com o trabalho. (p.97)

Com heróis e vilões nitidamente marcados, o autor defende a necessidade de serem revisadas as relações de trabalho na sociedade de classes. E, embora o peso retórico das falas, *O trabalho* se alinha dentro do teatro de idéias e vale a leitura pelo inusitado do assunto à época em que pouco se criava na dramaturgia brasileira e a preocupação com as classes trabalhadoras estava ausente da cena.

O ultraje

Aqui Joaquim Alves Torres trabalha, ao longo de quatro atos, as relações de família dentro da pequena burguesia brasileira do início do século. Como documento de época, a peça apresenta o adultério como falha unilateral de que a mulher é a única culpada. Camila, mulher de Arnaldo, é seduzida por Gustavo, um "bon-vivant" pilantra e libertino. A trama se complica já que Arnaldo tem, sob guarda, sua irmã Julieta. O vilão, ao mesmo tempo que faz a corte à Julieta, engravida a esposa de Arnaldo. Esse, ao retornar da Europa, descobre a traição de que fora vítima. Daí por diante, o drama se encaminha para a punição dos adúlteros, a salvação de Julieta e o resgate da honra de Arnaldo.

Também em *O ultraje* estão presentes os anjos protetores nas figuras de Luciano e Elisa, padrinhos de Julieta. A eles caberá, com amor de verdadeiros pais, fazerem Julieta dar-se conta da vilania de Gustavo e encaminhá-la para o amor de Leopoldo.

A rígida divisão do mundo entre homens virtuosos e homens perversos repete a luta entre o bem e o mal, anteriormente vista em *O trabalho*. No entanto, a linguagem aqui é mais escurreita, as falas fluem com mais agilidade e, embora uma certa dosagem discursiva, a peça se constrói com a mesma hábil carpintaria do texto anterior.

O tema do adultério dá margem à inclusão de arrojadas observações à margem da ação propriamente dita:

LUCIANO

[...] A lei que temos não é mais do que o produto de nosso meio. Há pouco, um homem de talento, de espírito emancipado, apresentou à

Câmara um projeto de divórcio, acabando com a indissolubilidade do laço conjugal. Que resultou? Levantou contra si infernal berreiro de inúmeros representantes do país e até do Vaticano que em tudo mete a colher. E daí, meu amigo, uma prevista consequência: o adiamento do projeto que tão cedo não se converterá em lei, numa lei de saneamento moral.

ARNALDO

Para gáudio desses homens que blasonam de inteligentes, de filhos desse século e que, no entanto, se curvam a preconceitos ridículos. (...), bramam contra o divórcio dissolúvel que é todavia o único decente, moral, legítimo e moral. (p.151)

Oscilando entre o melodrama e a comédia, *O ultraje* tem ainda, na figura do Comendador Ribeiro, a revivência dos velhos apaixonados da comédia clássica. Espécie de bufão, ridículo em suas pretensões amorosas, o Comendador perderá o amor de Julieta para Leopoldo. E o suicídio de Gustavo e Camila, ao final do drama, recompõe a honra masculina e restitui, à família brasileira, a necessária tranqüilidade.

A ciumenta velha

Nesta comédia, o dramaturgo faz um bem sucedido exercício de humor. Jovens e velhos aí confrontam idéias e posturas ante o ciúme enquanto sentimento destruidor das relações matrimoniais. Pérsio e Luciana hospedam em sua casa, aqui em Porto Alegre, o pai da jovem, Xisto. Longe de Cruz Alta e solto na capital, Xisto esquece de resolver alguns problemas de ordem legal e se entrega a um caso de amor com Giulia, atriz de uma companhia italiana. Os equívocos e mal-entendidos se acumulam e explodem com a vinda inesperada de Bárbara, esposa de Xisto e mãe da jovem hospedeira. Enlouquecida de ciúme, Bárbara procura pilhar o marido e dar-lhe uma lição corretiva em que a pancadaria é o principal ingrediente.

Construída exclusivamente sobre a palavra, a peça tem ação ágil e se encaminha celeremente para a solução conciliadora, não sem antes o autor explorar, ao máximo, o riso na cena IX, quando Bárbara intercepta uma carta que Giulia enviara a Xisto.

Jogos de palavras, frases de duplo sentido, o forte sotaque alemão do jardineiro Birnbaum e a economia no traçado da ação e dos personagens conferem a esse texto um frescor que convide à encenação. Por sua brevidade de ato único, *A ciumenta velha* é quase um entremez e, pela qualidade do humor de Joaquim Alves Torres, desejaríamos que mais comédias suas fossem descobertas. Para alegria dos leitores e — por que não? — dos espectadores.

TORRES, Joaquim Alves. *O teatro social*. (Org. Cláudio Heemann). Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1989. 207p.

A VOLTA DO CABARÉ

Léa Masina

Instituto Estadual do Livro

Publicação recente do Instituto Estadual do Livro, dentro da *Coleção Teatro: Textos & Roteiros*, a peça de Ivo Bender *O cabaré de Maria Elefante* encontra-se agora à dis-

posição de professores e alunos de Artes Dramáticas. Texto instigante, que favorece grande riqueza de interpretação, retoma algumas constantes dos textos anteriores do dramaturgo, temperando a tragicidade com o humor e o deboche.

A linguagem dramática de Ivo Bender, nesse texto, soma ao primoroso acabamento formal uma leveza de tratamento em que os pequenos quadros que compõem *O cabaré* se sucedem, alternando personagens e mantendo-se fiéis ao eixo central.

As falas das personagens, que se apresentam ora em monólogos expressivos, ora em ágeis diálogos desafiam a carga dramática dos atores, do que irá depender, certamente, o sucesso de futuras montagens.

Além da interligação de textos dramáticos, fechados como células ou pequenos contos, o dramaturgo apresenta uma galeria de perfis femininos. Estas mulheres — Dulcet Ton, Erica Schmitt, Tianta e Jean Harlow (esta, um travesti que ocupa espaço feminino) — tendo atrás de si a figura maternal e grotesca de Maria Elefante, permitem a discussão, a nível dramático, dos papéis que o homem e a mulher desempenham na sociedade contemporânea.

Constrangidas pela família, sobretudo pelo pai, à submissão e dependência — o que se perpetua na relação que estabelecem com os demais homens, quer seja o marido, o cafetão ou o namorado — essas mulheres representam uma força viva que, represada, quando explode o faz através da loucura, da subversão absoluta.

Os homens, do mesmo modo, são também seus cúmplices ou comparsas, na relação de profunda ambivalência que com elas estabelecem. Manifestam uma espécie de violência que não se sustenta, visível apenas num primeiro momento, nos gestos constantes de agressão e prepotência. Os homens, nesse universo, são objeto de escárnio porquanto se investem num papel social falido. O texto questiona, assim, os limites do comportamento social-sexual, retira tais limites impostos por uma conduta repetida e costumeira e subverte seus fundamentos.

Se a relação anterior, de origem, é uma relação fracassada, em que o pai prepotente se esvazia e a mãe ausente, representada por Maria Elefante, domina e absorve, como um grande ventre engolidor, a partir daí todo o texto manifesta o desencontro. Disso decorre sua comicidade trágica. Quando a engrenagem que deveria encaixar em outra inarredavelmente se desarticula, o espectador, acompanhando a mobilidade de ponto de vista, adere ora a uma, ora a outra personagem. Aliás, a flexibilidade do ponto de vista é característica do teatro de Ivo Bender que obtém, com este recurso, a inquietação permanente do público: este permanece tenso, acompanhando a fragmentação das personagens.

Do desencontro entre os diferentes pontos de vista, pela mobilidade do foco dramático, decorrem situações incríveis de humor, como no diálogo entre Suzi, a feminista, e o homem que a aguarda à saída da reunião política de que participa. Esse diálogo, aparentemente fácil, é todo arduo, desnudando, pelo deboche, as falácias obsessões e comportamentos de diferentes pessoas que desfilam suas vidas no palco do cabaré. Como na comédia latina, o humor se constrói de desacerros: A previsão de respostas, comum nos textos realistas e bem comportados, cede lugar a uma linguagem nova, que constrói e desnuda uma dialética própria. Nesta, tudo se articula para o engano, como se a comunicação anterior à palavra estivesse interdita.

Texto destinado à reflexão e a montagens sucessivas, pelo dinamismo do seu ritmo interno e pela exigência de participação de todos — atores, diretores e espectadores —, constitui-se ele mesmo numa farsa, na medida que, através do brilho, das luzes, do insólito, esconde uma visão do mundo repleta de ambigüidades e contradições.

BENDER, Ivo. *O cabaré de Maria Elefante*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1988. (Col. Teatro: Textos & Roteiros.)

RETÓRICA DO SILÊNCIO I

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

Aparece a 2ª edição de *Retórica do silêncio*, agora acrescida no título com o número I romano. É realmente prodigioso o trabalho de Gilberto Mendonça Teles: professor, pesquisador e produtor de excelentes textos sobre teoria e prática do texto literário. O livro focaliza, em quatro partes: Um discurso paralelo, Teoria da linguagem literária, A contemplação do poético, As margens da ficção.

Damos, a seguir, quatro depoimentos valiosos sobre a pessoa e a obra de Gilberto Mendonça Teles:

RAUL H. CASTAGNINO:

Ud. ha penetrado en la esencia poética de Drummond de Andrade y su método, verdaderamente científico, cala hondo en las claves de tan complejo poeta; pero esa penetración lo ha sido posible, además, porque Ud. mismo es un creador que maneja con igual destreza ambos quehaceres básicos de lo literario: crítica e creación.

A do norte-americano TIMOTHY BROWN:

Gilberto Mendonça Teles ponders the relationship between speech and words, and between words and things and human experience. He makes use of as much freedom in form as mood or subject require; yet he can return to such traditional forms as the sonnet, which he makes his own and uses with flexibility. (...) Indeed, the poet uses his words, images, symbols and metaphors suggestively and with an ever-present feeling that reality is more than the terms that attempt to describe or imprison it. GMT is one of the most interesting and original of contemporary poets. A *raiz da fala* gives an intriguing view of his verse.

A do belga FERNAND WERHESEN:

Je viens de recevoir votre magistrale étude sur Drummond de Andrade. Je lis assez difficilement le portugais, mais ce livre-ci, je le lirai ligne à ligne, car il est évident que son importance l'exige, à la fois en raison de son auteur et du poète qu'il étudie. Un rapide parcours me permet déjà de constater que votre analyse approfondit au maximum l'étude linguistique d'une oeuvre extrêmement importante, et qu'aucune des ressources de la stylistique moderne n'est négligée pour ne faire apparaître les structures essentielles qui l'orientent, à travers une polysémie très caractéristique, vers une sorte de métalangage aux miroirs infinis.

Ou como nas palavras consagradoras de CASSIANO RICARDO:

O autor de *A raiz da fala* é também um lúcido crítico de poesia, tendo publicado excelente estudo sobre *A estilística da repetição*, pesquisa que encontrou ótimos fundamentos na extraordinária obra de Drummond. (...) Tem ele, grande poeta, consciência do que faz e daí a autenticidade pessoal que o eleva na admiração de quantos amam o "poema como poema", que é o seu poema. Semeadado, aqui e ali, de folhiflores visuais, surpreendentes e inesquecíveis.

E de TRISTÃO DE ATHAYDE:

A evolução pética de Gilberto Mendonça Teles, portanto, tem o seu subjetivismo "azul" inicial até uma reificação esotérica, em que a preocupação com a própria linguagem das coisas emerge de sua crescente exigência criadora, representa uma das ricas aventuras poéticas de nossa língua, sempre guiada por uma espeleologia crítica, como o

que revelou na interpretação da obra de nosso poeta máximo, Carlos Drummond de Andrade".

O livro tem a sua importância decisiva e ilustrativa para os cursos de Teoria e Crítica Literária no 3º e 4º graus de ensino. Fornece exemplos de prática de crítica e de historiografia literária.

TELES, Gilberto Mendonça. *A retórica do silêncio I*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

CIPEL, 20 ANOS DE PESQUISAS (1966-86)

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

O Prof. Lothar Hessel, emérito investigador na seara das letras e da história de nossa terra, apresenta o histórico de uma sociedade totalmente voltada para a pesquisa — CIPEL (Círculo de Pesquisas Literárias). A fundação, a 8 de dezembro de 1966, realizou-se na residência de nº 485 da Rua Gen. Bento Martins, com a presença de Ari Martins, Enedy Rodrigues Till, Júlio H. Petersen, Lothar F. Hessel, Paulo J.P. Xavier e Pedro Leite Villas Bôas.

Os objetivos do CIPEL se dirigem à pesquisa literária sul-rio-grandense e seu envolvimento com a História e Antropologia.

O livro vai mostrando em que ocorreram tantos fatos, em que se registraram novos sócios e novas atividades.

O trabalho de Lothar F. Hessel é um documento, um ponto de referência para estudos dos literatos, das obras literárias no Rio Grande do Sul.

HESSEL, Lothar. *CIPEL, 20 anos de pesquisas (1966-86)*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1989.

TEORIA DO ROMANCE

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

Donald Schüler é o intelectual consciente e laborioso que dedica o tempo da sua vida profissional à leitura, ao estudo e à investigação do campo da teoria literária, da crítica, do ensino e da ficção. Agora aparece com *Teoria do romance*, matéria importante para quem começa a palmilhar os árduos caminhos da teoria literária. Na trajetória, o livro apresenta dez etapas ou pontos de reflexão, estudo e uma pergunta: O romance está

morrendo? O alerta é muito significativo, pois obriga a fazer uma parada e refletir sobre: tecido verbal, intertextualidade, narrador, personagem, tempo, espaço, imaginação, romance e modernidade, vocabulário crítico e bibliografia comentada.

O livro é de leitura obrigatória para os cursos de letras e para os estudiosos da arte literária.

SCHÜLER, Donald. *Teoria do romance*. São Paulo, Ática, 1989.

ESSA MINEIRÍSSIMA HENRIQUETA

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

Paschoal Rangel é profundo estudioso da poesia e do fato literário com vários livros publicados, entre os quais citam-se: *Ensaio de literatura*, uma introdução à leitura de 16 autores brasileiros, e *No vento azul*, quase poemas. Em todos o autor se revela profundo conhecedor da arte literária e do exercício da crítica. No ensaio de interpretação da obra poética de Henriqueta Lisboa, esmera-se em mostrar com veemência a beleza, a sublimidade do fazer poético de Henriqueta. O livro desenrola-se nos títulos: Segundos passos; A presença da morte; O resgate da morte pela Poesia; A vida, este mistério; Agora, o homem; Uma seta — Cristo; O poeta no observatório; Intermezzo Plotiniano; No miradouro; A celebração; A pousada do ser; Mineiríssima. Além disso, há importantes informações sobre: dados biográficos, bibliografia de Henriqueta e bibliografia sumária sobre Henriqueta Lisboa.

É livro para ser lido com emoção poética, em atitude de admiração e quase contemplação. O autor soube entusiasmar-se e transmitir o seu entusiasmo aos leitores do livro *Essa mineiríssima* e dos poemas de Henriqueta Lisboa... Poesia se vive na leitura e na fruição das metáforas, dos ritmos e da musicalidade que se depreende dos versos e das estrofes. O livro recebeu dois prêmios em 1988: Melhor livro de crítica de Poesia, da Associação Brasileira de Escritores, e do Melhor livro de crítica literária, da Associação Brasileira de Crítica Literária.

RANGEL, Paschoal. *Essa mineiríssima Henriqueta*. Belo Horizonte, O Lutador, 1987.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral

Serviços gráficos executados pela
Escola Profissional Champagnat
Avenida Bento Gonçalves, 4080
Composição e Arte Final:
Supernova Editora Ltda.
Rua Gildo de Freitas, 162 - Fone 34-8129
Porto Alegre - RS